

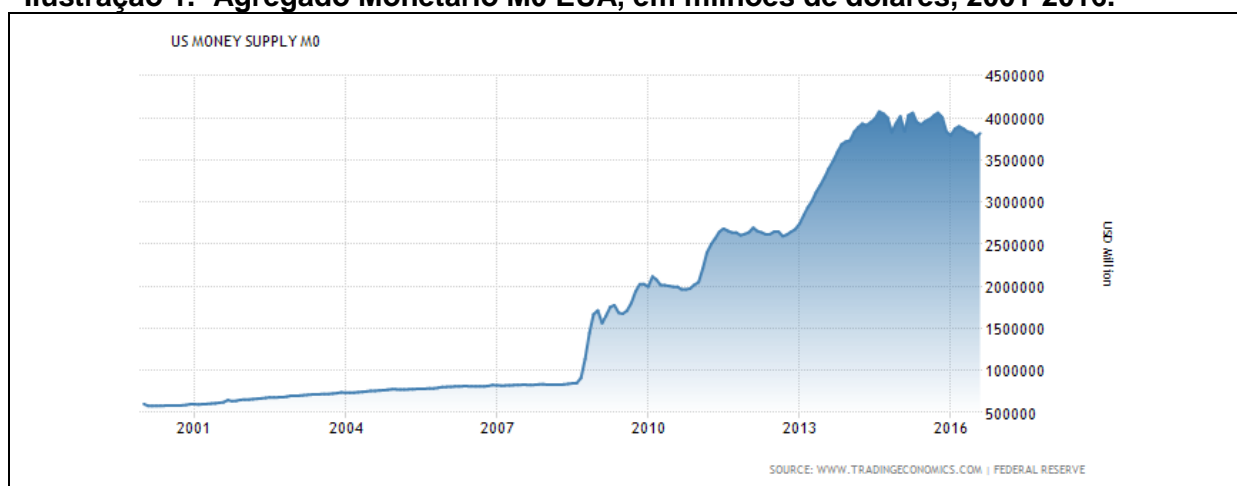
PARTE 1 – ESTADOS UNIDOS

Conjuntura Econômica do EUA

É fundamental, nesta primeira parte da análise, verificar a expansão da base monetária americana (**Ilustração 1**) e o comportamento da taxa de inflação, que variou pouco em torno de 1% (**Ilustração 2**), não obstante juro de 0,5% (**Ilustração 3**), pois desta forma eis, desde já, a explicação para o baixo crescimento dos EUA: A expansão monetária não se converteu em expansão creditícia.

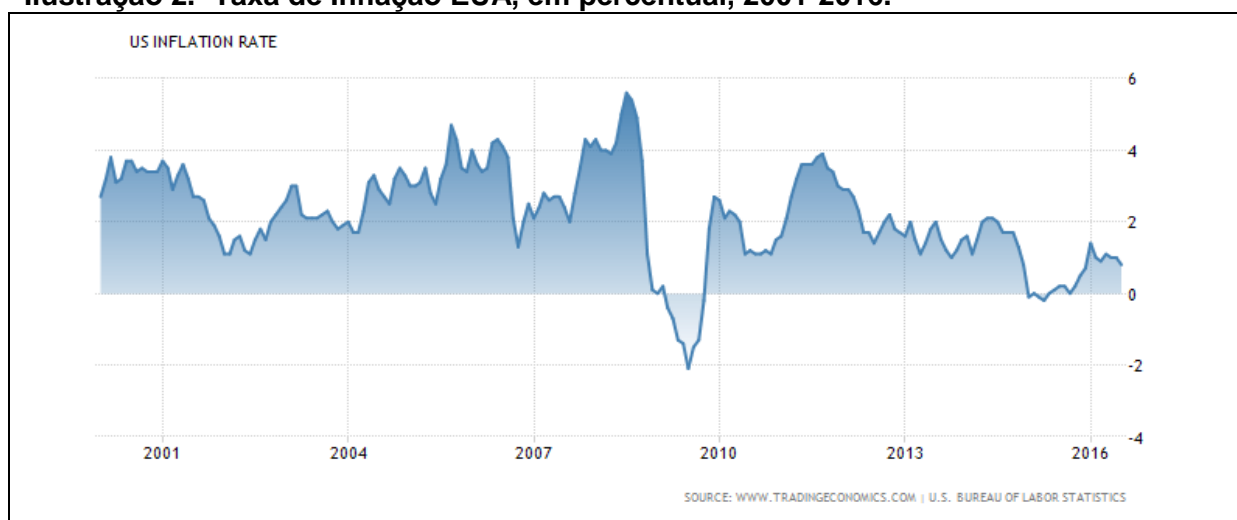
Em termos mais simples, o dinheiro das pessoas, mantidos em sua posse ou em reservas bancárias, e as próprias reservas dos bancos não estão ingressando na economia real, na quantidade e velocidade que o FED¹ almeja. Consumo e investimentos têm se mantido baixos, conseqüentemente, não puxando a economia, mantendo o PIB americano 5 trimestres em crescimento a taxas decrescentes (**Ilustração 4**).

Ilustração 1. Agregado Monetário M0 EUA, em milhões de dólares, 2001-2016.



Fonte: Tradingeconomics / Federal Reserve

Ilustração 2. Taxa de Inflação EUA, em percentual, 2001-2016.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Bureau of Labor Statistics, 2016.

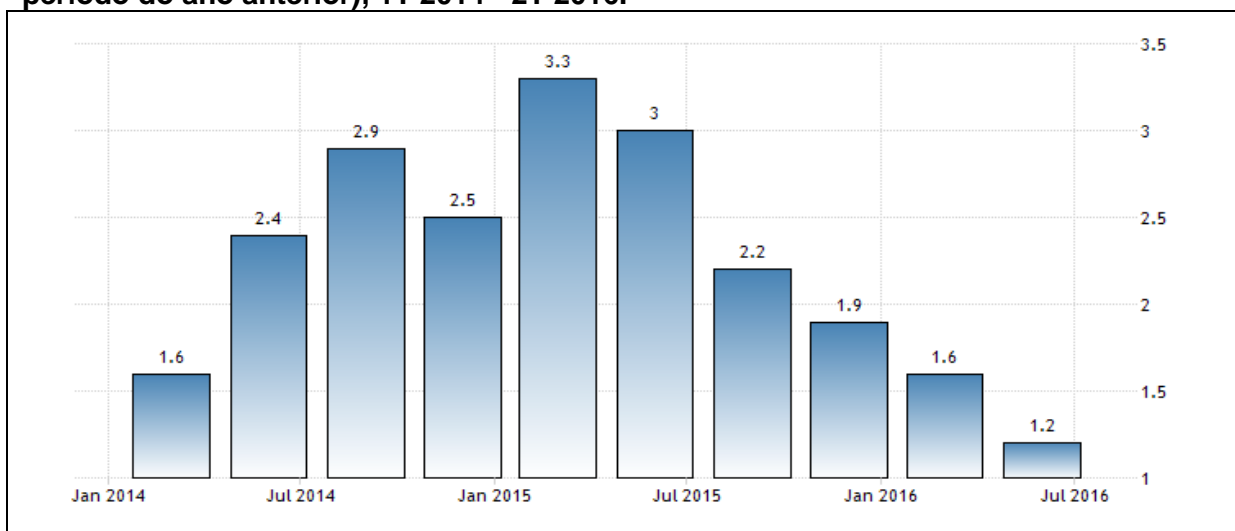
¹ Federal Reserve (FED) é o banco central dos Estados Unidos.

Ilustração 3. Taxa de Juros EUA, em percentual, 2001-2016.



Fonte: Tradingeconomics/Federal Reserve, 2016

Ilustração 4. PIB Total EUA, Taxa de Crescimento Trimestral (em relação ao mesmo período do ano anterior), 1T 2014 - 2T 2016.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Bureau of Economic Analysis, 2016.

Atividades Econômica específicas

Embora tenha-se apresentado logo de início a elucidação do baixo crescimento econômico americano, faz-se necessário, porém, a demonstração ampliada do contexto econômico diante outros indicadores da economia americana.

Em resumo:

- i) Licenças para construção estagnadas com tendência de quedas (**Ilustração 5**);
- ii) produção industrial negativa (**Ilustração 6**);
- iii) vendas no varejo em tendência declinante desde meados 2011 (**Ilustração 7**);
- iv) lucros das empresas em queda (**Ilustração 8**);

v) crescente número de falência de empresas nos três últimos trimestres (4º trimestre de 2015 e os 2 primeiros trimestres de 2016) (**Ilustração 9**);

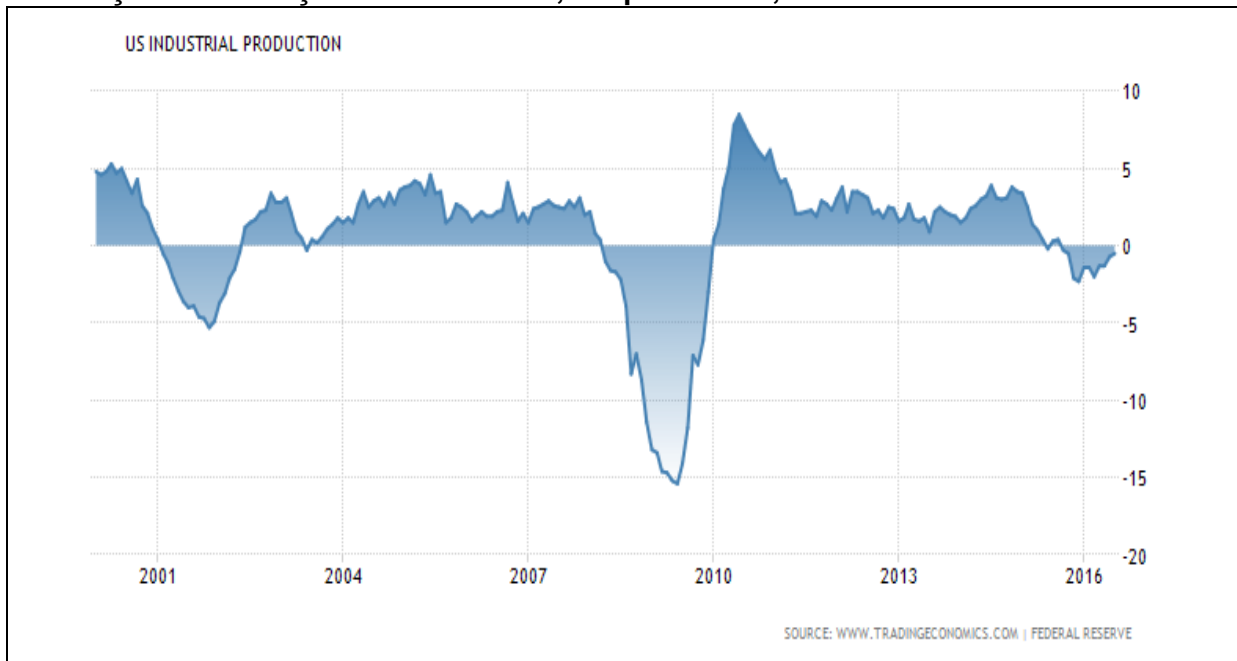
São os indicadores elencados que traduzem as consequências da perda de fôlego da economia americana, refletindo em baixo crescimento econômico.

Ilustração 5. Licenças de Construção, em mil unidades, 2001-2016.



Fonte: Tradingeconomics/u.s. Census Bureau, 2016.

Ilustração 6. Produção Industrial EUA, em percentual, 2001-2016.



Fonte: Tradingeconomics/Federal Reserve, 2016.

Ilustração 7. Vendas no varejo EUA, variação percentual, 2001-2016.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Census Bureau, 2016.

Ilustração 8. Lucro das Empresas EUA, em bilhões de dólares, 2001-2016.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Bureau of Economics Analysis, 2016.

Ilustração 9. Número de Falências EUA, em unidades, 2001-2016.



Fonte: Tradingeconomics/Administrative Office of the U.S. Courts, 2016.

Mercado de Trabalho

A taxa de desemprego tem se mantido baixa, em torno 5% (**Ilustração 10**). Entretanto, o emprego é uma das últimas atividades afetadas num processo de retração econômica.

Tais indicadores mostram que, não obstante, a taxa de desemprego esteja ainda estabilizada em níveis baixos, a taxa de ocupação da população americana em idade de trabalhar, mantém-se, no ano 2016, praticamente estagnada, em 59,7% (**Ilustração 11**), enquanto no período pré-crise essa proporção era de aproximadamente 63% (2007).

Ilustração 10. Taxa de desemprego EUA, em percentual, 2001-2016.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Census Bureau, 2016.

Ilustração 11. Nível de Emprego² EUA, em percentual, 2001-2016.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Bureau of Labor Statistics, 2016.

²A estatística do Trading Economics faz referência a Taxa de Emprego, entretanto essa estatística no Brasil tem designação de nível de ocupação (população ocupada em relação a população economicamente ativa). A taxa de emprego no Brasil seria o inverso da taxa de desemprego (desocupação).

Exportações e Importações

A retração do consumo interno americano implica em menor aquisição de matérias primas ou mesmo produtos de consumo, reduzindo as importações (**Ilustração 12**). Situação essa agravada pela retração de consumo de outros países, dado os contextos econômicos locais e desvalorização de suas moedas, o que implica em redução das exportações (**Ilustração 13**).

Ilustração 12. Importações EUA, em milhões de dólares, 2001-2016.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Census Bureau, 2016.

Ilustração 13. Exportações EUA, em milhões de dólares, 2001-2016.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Census Bureau, 2016.

Produto Interno Bruto

O setor de Serviços é, dentre os setores do PIB elencados, o único a apresentar crescimento praticamente constante ao longo tempo (**Ilustração 17**). O setor da Manufatura, Indústria Extrativa e Agricultura apresentam um relativo longo período de queda, conseqüentemente o

PIB agregado (soma de todas as atividades econômicas) vem em queda desde o 2º trimestre de 2015 (**Ilustração 14 a 18**).

Ilustração 14. PIB da Manufatura EUA, em bilhões de dólares, 2006-2016.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Bureau of Economics Analysis, 2016.

Ilustração 15. PIB da Indústria Extrativista EUA, em bilhões de dólares, 2006-2016.



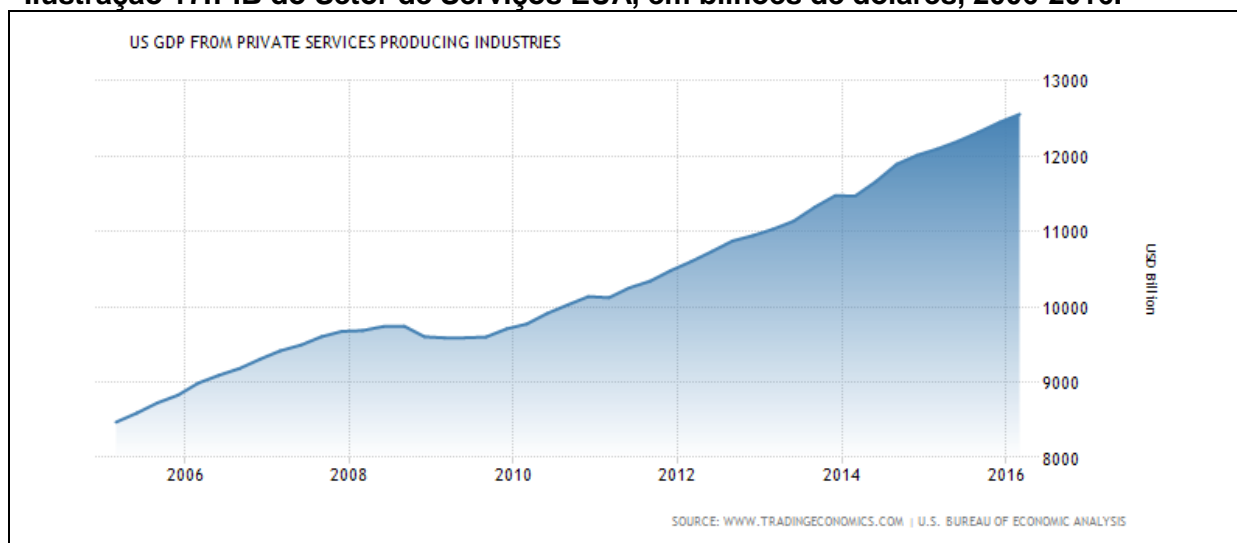
Fonte: Tradingeconomics/U.S. Bureau of Economics Analysis, 2016.

Ilustração 16. PIB da Agricultura EUA, em bilhões de dólares, 2006-2016.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Bureau of Economics Analysis, 2016.

Ilustração 17. PIB do Setor de Serviços EUA, em bilhões de dólares, 2006-2016.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Bureau of Economics Analysis, 2016.

A apresentação de variados aspectos da dinâmica econômica, ilustrada por meio de indicadores, constata-se, em termos teóricos, que os Estados Unidos se encontra em processo de contração e sinaliza uma estagnação econômica. Diante disso, duas implicações surgem em relação à moeda americana. Internamente, os preços tendem a diminuir por conta da diminuição no ritmo de consumo; e, externamente, dada a retração de circulação de moeda (dólar) no mercado mundial, deve pressionar a valorização mundial do dólar frente moedas locais (variação a depender da atuação de seus bancos centrais).

Ilustração 18. PIB Total EUA, Taxa de Crescimento Trimestral (em relação ao mesmo período do ano anterior), 1T 2001 - 2T 2016.

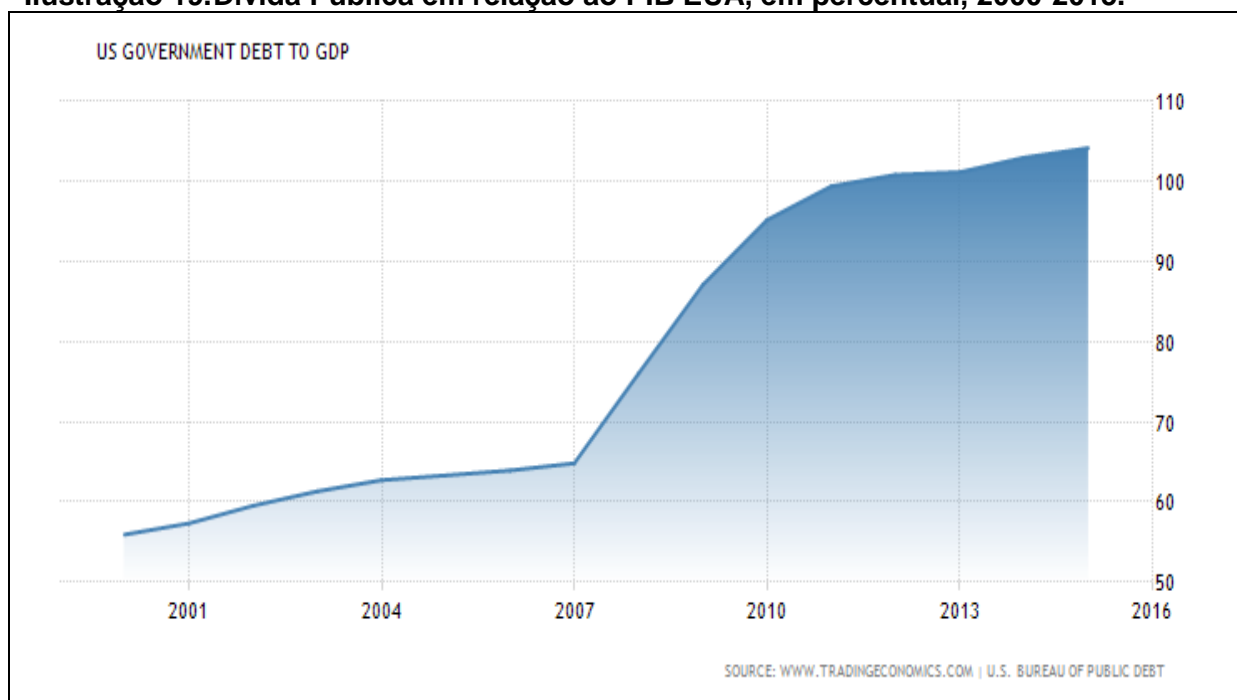


Fonte: Tradingeconomics/U.S. Bureau of Economics Analysis, 2016.

Conclusão

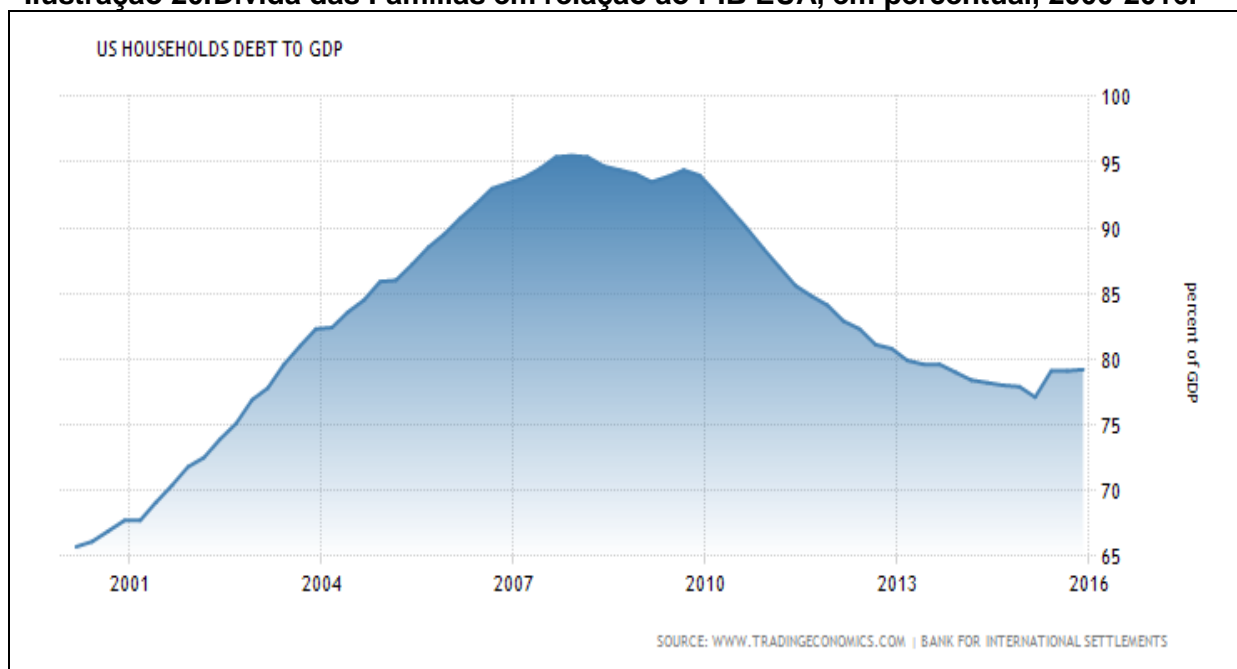
A quantidade de dinheiro injetada (desde 2008) e acumulada pelo FED no setor bancário (M0) é da ordem aproximada de 2,6 trilhões de dólares. Esse volume financeiro, aliado a baixa taxa de juros não tem cativado consumidores nem investidores. Dessa forma, esse dinheiro não adentra a economia real e não fomenta a economia, não elevando o consumo e mantendo os preços em tendência de queda como verificado pela taxa de inflação. Como esse dinheiro foi apenas criado pelo FED e dado para os bancos em troca dos títulos “podres”, os bancos tem muita reserva financeira, estas ainda sendo remuneradas junto ao FED. Para os bancos não fazer nada, já é lucro. Por outro lado, mesmo o crédito barato a taxas de juros extremamente baixas, não há por parte do setor privado (consumidores e investidores) ânimo em investir. O Governo americano, nesse caso, não tem como intervir diretamente obrigando os bancos a emprestar, pois o dinheiro não lhes pertence. Todavia, mesmo se pudesse, o problema é que as pessoas não estão buscando crédito. Por outro lado, para realizar investimentos ao modo artificial keynesiano de aditivar a economia, esbarra-se na questão de aumento da dívida pública, que implica em aumento de gastos do governo com o serviço de tal dívida, o que requer elevação de impostos, coisa que a despeito de toda influência do keynesianismo, não é aceito de modo tão simples, quanto é no Brasil.

Ilustração 19. Dívida Pública em relação ao PIB EUA, em percentual, 2000-2015.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Bureau of Public Debt, 2016.

Ilustração 20. Dívida das Famílias em relação ao PIB EUA, em percentual, 2000-2016.



Fonte: Tradingeconomics/U.S. Bureau of Public Debt, 2016.

A indefinição sobre a elevação dos juros americanos vem se alongando, e surge no horizonte a questão sobre juros ainda menores ou a introdução de juros negativos na pauta teórica de debate sobre as próximas medidas do FED, embora a tendência mais provável ao contexto atual seja uma pequena elevação nos próximos meses. Por fim, contrariamente, ao que postulam a maior parte dos economistas, em um cenário de crescimento baixo e com baixa inflação, ou ainda deflação, os EUA estão, ainda, em uma situação econômica bem tranquila, pois, em linhas gerais, isso implica em poder de ganho real da moeda.